

NOTAS INTRODUTÓRIAS DO FOOT BALL EM FEIRA DE SANTANA (1906-1922)

Fábio Santana Nunes¹

Jean Carlo Ribeiro²

Marcial Cotes³

Resumo: A investigação intenta compreender as relações recíprocas entre o futebol e o contexto social na cidade de Feira de Santana, em especial, os meios de transporte, a urbanização e o desenvolvimento econômico, bem como os modos de organização dos espetáculos futebolísticos, agentes mobilizadores, locais de realização, modalidades de representação na imprensa, frequência com que aconteciam, público participante e entidades promotoras. O recorte temporal compreende o princípio do século XX. Como fontes, principalmente, os periódicos publicados à época no município pesquisado, as obras de memorialistas e de viajantes. Destacam-se personagens, instituições e o intercâmbio com outras regiões. Os modais de transporte foram importantes à interiorização do futebol, interligando Feira de Santana às regiões do Recôncavo Baiano e Salvador por meio do trem articulado com barco a vapor.

Palavras-Chave: História do Esporte; Mercantilização do Lazer; Feira de Santana.

Introductory notes of foot ball in Feira de Santana (1906-1922)

Abstract: The investigation aims to understand the reciprocal relations between soccer and the social context in the city of Feira de Santana, in particular, the means of transportation, urbanization and economic development, as well as the ways of organization of soccer spectacles, the mobilizing agents, places of realization, modalities of representation in the press, frequency in which they happened, participating public and promoting institutions. The time frame comprises the beginning of the 20th century. As sources, mainly, the periodicals published at that time in the researched city and the works of memoirists and travelers were used. Characters, institutions and

¹ Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) do Programa de Pós-Graduação em História e do curso de graduação em Educação Física, Departamento de Saúde, Feira de Santana, Bahia, Brasil. Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Membro do Grupo de Pesquisa História do Lazer (HISLA/UFMG/CNPq); E-mail: fsnunes@uefs.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6194-7562>

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no curso de licenciatura em Educação Física, Campus de Miracema, Tocantins, Brasil. Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Corporais (NEPPraC/UFT/CNPq). E-mail: jeancarolo@uft.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6877-2929>

³ Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) no curso de licenciatura em Educação Física, Departamento de Ciências da Saúde, Ilhéus, Bahia, Brasil; Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Líder do Grupo de Pesquisa Manifestações de Lazer e Aventura (MALAN/UESC/CNPq); Membro do Grupo de Pesquisa História do Lazer (HISLA/UFMG/CNPq); Membro do Grupo de Pesquisa em Atividade Física, Saúde e Felicidade (GPAFF/UESC/CNPq); E-mail: mcotes@uesc.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6345-3715>

exchanges with other regions were highlighted. The ways of transportation were important to the interiorization of soccer, connecting Feira de Santana to the regions of the Recôncavo Baiano and Salvador through the articulated train with the steam boat.

Keywords: History of Sport; Mercantilization of Leisure; Feira de Santana.

Notas introductorias del *foot ball* en Feira de Santana (1906-1922)

Resumen: La investigación pretende comprender las relaciones recíprocas entre el fútbol y el contexto social de la ciudad de Feira de Santana, en especial los medios de transporte, la urbanización y el desarrollo económico, así como las formas de organización de los espectáculos futbolísticos, los agentes movilizados, los lugares donde tenían lugar, las formas de representación en la prensa, la frecuencia con que se celebraban, el público participante y las instituciones promotoras. El marco temporal comprende los inicios del siglo XX. Como fuentes, principalmente, las publicaciones periódicas editadas en la época en el municipio investigado, las obras de memorialistas y viajeros. Se destacan los personajes, las instituciones y el intercambio con otras regiones. Los medios de transporte fueron importantes para la internalización del fútbol, interconectando Feira de Santana a las regiones de Recôncavo Baiano y Salvador por medio del tren articulado con vapor.

Palabras clave: Historia del Deporte; Comercialización del Ocio; Feira de Santana.

Introdução

A história do lazer/diversões e da cultura no contexto das hinterlândias no Brasil é ainda parca de estudos, e, no estado da Bahia isto não é diferente. As investigações tendem a se concentrarem na capital Salvador, apesar de ser observado um movimento na contemporaneidade, embora tímido, que busca entender este enredo fora do principal centro político-administrativo do estado. A Bahia detém o maior litoral do país e parte do seu território era acessado, exclusivamente, até as primeiras décadas do século passado, via transporte marítimo e fluvial. Isto sem comentar suas linhas ferroviárias que ligavam algumas regiões interioranas às áreas litorâneas. Por esses modais de transporte os divertimentos avançaram aos sertões.

Estudos que tematizam a história do esporte e outros lazeres tomando como recorte a cidade de Feira de Santana, são diminutos. Destacam-se as pesquisas sobre alguns divertimentos, como tourada, circo, teatro, filarmônica, cinema e festa (SAMPAIO, 2000; FIGUEREDO, 2019; SANTOS, A., 2012; SILVA, 2020a; 2020b; 2013; NUNES, 2021a; CAVALCANTI; CASTRO JÚNIOR; ROCHA JUNIOR, 2020; OLIVEIRA, 2014; SANTANA, 2020; SACRAMENTO, 2016; SACRAMENTO; SILVA, 2017).

Quanto aos esportes, faz-se referência ao turfe no final do século XIX e início do XX; ao desporto no âmbito escolar e a relação orgânica com a cidade (OLIVEIRA, 2014); e ao futebol feirense tratado a partir de instituições organizadoras e normatizações (LÁZARO, 2015); ou abordado para explicar processos silenciados por uma urbanização desigual, praticado por garotos pelas ruas, contraditando com *sportmens* em espaços autorizados dos *grounds* e estádios (OLIVEIRA, 2016).

Acrescenta-se as pugnas realizadas por times feirenses e seus contextos de época, encontradas na revista *Semana Sportiva* (SANTOS, 2020) e no jornal *Folha do Norte* (SANTOS, A., 2012). O desporto coletivo, durante algum tempo no século XX, foi considerado uma das mais notáveis formas de diversão do Município, e o futebol possuía a reputação de ser “o mais popular”, organizando-se “vários selecionados de amadores [...] enquanto em cada distrito havia pelo menos um”, nas palavras de Rollie Poppino (1968, p. 289).

O recorte temporal considerado no estudo ora em tela compreende do período entre o ano de 1906, com o registro mais antigo sobre futebol em Feira de Santana que as fontes puderam indicar, e o ano de 1922, referente à inauguração do primeiro estádio de futebol da cidade. Trata-se de uma Pesquisa Documental, na qual foram consultados periódicos publicados, principalmente, em Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX. Assim, considerou-se as recomendações sobre o uso dos periódicos como fonte histórica, sendo seguidos alguns procedimentos para a análise desses impressos (LUCA, 2019; BARROS, 2019). Entre os jornais em exame estavam: *O Propulsor*⁴, *A Flor*⁵, *O Progresso* e o *Folha do Norte*⁶. A pesquisadora Nayara Cunha (2013) afirma que esse último figura entre as principais fontes aos historiadores que investigam Feira de Santana.

Com efeito, recorre-se às significativas análises de fontes secundárias, como obras de memorialísticas e de viajantes; recenseamentos de abrangência nacional; Anuários Estatísticos da Bahia; artigos, dissertações e teses sobre a cidade. Ao estudar essa diversidade documental, considerou-se a ocorrência de palavras ou expressões correlatas em língua portuguesa e demais idiomas em qualquer página dos periódicos, tais como: *sport*/esporte, *futebol*/*football*, *stadium*/estádio, *ground*/campo, entre outras.

O Football na “Princesa do Sertão”⁷

⁴ Propriedade de Demétrio Ignacio Pires d’Araújo fundado em 15 de outubro de 1896 (O PROPULSOR, n. 53, p. 01, 15 out. 1897), suspendeu sua publicação na cidade em 29 de agosto de 1909, instalando-se no município de São Félix (MELLO; BRITO, 2018). Acessa-se aos números iniciais até dezembro de 1901, em formato impresso, depositados no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), em Salvador, e em formato digital na Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, no prédio do Museu Casa do Sertão, no *Campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

⁵ Propriedade de Arlindo Ferreira, envolvia edições de 1921. Depositados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e reunidos em formato de livro. Consultar Mello e Brito (2019).

⁶ *O Progresso* principiou suas funções em junho de 1900 e encerrou seu expediente em 1909, pertencente a Alexandre da Silva Ribeiro e o *Folha do Norte* fundado em 17 de setembro de 1909 pelo Coronel Tito Rui Bacelar (Intendente Municipal entre 1904-1907), conforme Nayara Cunha (2013). Esses impressos encontram-se em formato digital na Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão (UEFS).

⁷ Atribui-se, este epíteto, ao jurista, jornalista, político e orador, Ruy Barbosa. Dizia ele em conferência no Cine-Theatro Sant’Anna em 25 de dezembro de 1919: “nesta romagem pelos sertões e pelo recôncavo, de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da

Em 1906, no dia 08 de julho, o jornal *O Progresso* anunciava (Figura 1) uma partida de *football* “organizada por um grupo de estudantes que aqui estavam em férias e alguns moços desta cidade”. Esperava-se, pela “falta sensível de divertimentos públicos” locais, boa concorrência nesta “diversão tão em voga nas cidades civilizadas”. A partir do que as fontes utilizadas indicaram, a notícia certamente está entre os primeiros registros sobre futebol em Feira de Santana.

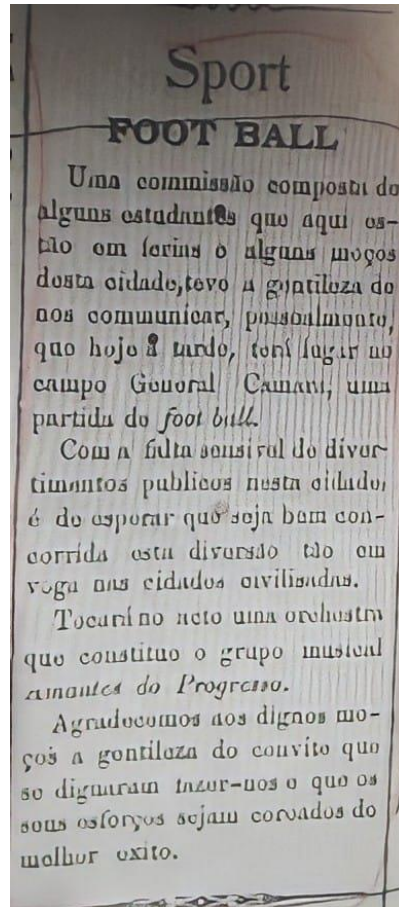


Figura 1 – Anúncio de partida de Futebol.

Fonte: *O Progresso* (08 jul. 1906, p. 1).

antiga corte sertaneja à bela princesa do sertão" (BARBOSA, 1988, p. 173). Entretanto, como explicar que, em 1899, mais de 20 (vinte) anos antes, precisamente em 2 de julho (data comemorativa à Independência da Bahia), o jornal *O Propulsor* já apresentava a cidade por esta alcunha? Vejamos: “Não é só a grandeza e imponência desta natureza exuberante, a precisão de suas serras alcantiladas, que nos despertaram admiração e entusiasmo! Tudo aqui nos anuncia o gênio operoso de seus habitantes, que caminham para, em próximo futuro, a *princesa do sertão* disputar o lugar de honra a que tem incontestável direito” (*O PROPULSOR*, 2 jul. 1899, p. 2, grifo nosso). Certamente Ruy Barbosa amplificou as representações que a cidade trazia na imprensa desde o final do século XIX. Ele não inventou cognome qualquer para Feira. Porém, essa história reverbera em alguns escritos acadêmicos e memorialistas. A superação desse mito se faz mister.

No término do século XIX e despontar do XX, os trens da Ferrovia Central da Bahia e os vapores da Companhia de Navegação Baiana, facilitaram a presença de jovens economicamente privilegiados na capital baiana. Com o fito de continuarem suas instruções em escolas secundárias, estudos preparatórios e cursos superiores, surgiu a oportunidade de contato com a efervescência futebolística, caracterizada como de cunho civilizador à época, vivida nos largos daquela cidade.

Os irmãos Almiro e Angelo Godinho Santos foram estudar em colégios de Salvador em 1898 (O PROPULSOR, 6 fev. 1898, p. 1). Em 1901, seguiam para a capital do estado de “trem” “a fim de continuarem os seus estudos de preparatórios” (O PROPULSOR, 5 maio 1901, p. 2). Filhos do “ilustrado” clínico Fabio Lyra dos Santos, ex-presidente da Filarmônica 25 de Março e da Sociedade Monte Pio dos Artistas Feirenses, ainda na primeira década do século XX, cursam Medicina na capital baiana, juntamente com o primo Lafayette Godinho Lima, filho do coronel Macario Joaquim da Silva Lima (O PROGRESSO, 18 nov. 1906, p. 1). Em período similar, Manoel Bartholomeu de Freitas Junior, prole de outro coronel e Juiz de Paz Manoel Bartholomeu de Freitas, estudava Direito (O PROGRESSO, 9 dez. 1906, p. 1). Estes quatro estudantes registram presença em algumas das primeiras partidas de futebol realizadas em Feira de Santana (O PROGRESSO, 15 jul. 1906, p. 1)⁸.

Notícias sobre as movimentações futebolísticas em Salvador estão registradas a partir de 1901. De acordo com memorialistas, progressivamente, um pequeno grupo abastado de jovens inicia-se na prática do novel esporte em Salvador: eram ingleses residentes, estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia (incluam-se outras faculdades), médicos, advogados e comerciantes. Essa ebulição esportiva ganha novos contornos com a organização da “Liga Bahiana de *Sports Terrestres*” ao final de 1904 e a realização de campeonatos de futebol promovidos por esta a partir de 1905 (SANTOS, 2014). Além dos “jovens endinheirados”, nos momentos iniciais do futebol em Salvador, estavam presentes distintos sujeitos (jogadores ou assistentes), atribuindo “múltiplos e conflitantes sentidos às experiências futebolísticas”, como trabalhadores, garotos de rua, mulheres, entre outros (SANTOS, 2020, p. 153-154).

O esporte bretão se disseminou por outras regiões interioranas baianas, pois na “terra de Jorge Amado”⁹, Ilhéus, tal como em Feira de Santana, as primeiras práticas datam de 1906, quando ingleses

⁸ Na primeira partida que temos notícia, “estava assim dividido os 2 grupos: Goal – Antonio Sobral. Full-bachs – Almiro Santos e Oscar Loureiro. Half-bachs – Angelo Santos e Eduardo Britto. Forewards – Antonio Netto, Julio Cintra, Manoel Araujo, Bertino Farias e João Olegario. Do outro lado: Goal – José Araujo. Full-bachs Carlos Pedreira e Abilio Ribeiro. Half-bachs – Tito e Alcides Victoria. Forewards – Lafayette Godinho, Julio Dias, Bartholomeu Freitas, Rodolpho Godinho e Thyrso Garrido” (O PROGRESSO, 15 jul. 1906, p. 1). Esse último time, conforme a fonte, venceu o jogo.

⁹ Ilhéus é conhecida assim, por ser a fonte de inspiração para muitos romances do escritor Jorge Amado. Ele que nasceu na cidade vizinha de Itabuna, passou parte de sua vida entre Ilhéus e Salvador.

residentes em Salvador perambulavam pela cidade realizando os certames “em espaços improvisados, como as fazendas de cacau” (SANTOS, 2020, p. 187). Há relatos que a cidade de São Felix, nesse mesmo ano de 1906, abraçou esse esporte (SOUZA, 2021).

Voltando à partida realizada em Feira de Santana, ela foi efetivada em um domingo à tarde, no “campo General Câmara” (O PROGRESSO, n. 335, 08 jul. 1906, p. 1). O termo “campo”, como está empregado, não se refere a um espaço esportivo estruturado, a palavra era usual para extensos largos existentes nas áreas urbanas de diversos municípios do País. O local era um descampado popularmente chamado de Campo do Gado.

A figura 02 traz a localização aproximada dos espaços de execução de alguns divertimentos, onde o Campo do Gado (1) representa a maior área. É possível visualizar o que seria a Rua ABC, depois designada Avenida Sampaio, local do Prado Feirense (2), a “5 minutos [a pé] da praça do comercio” (3) (FOLHA DO NORTE, p. 02, 17 jul. 1948). Pela imagem, é possível situar a estação ferroviária (4) e, ainda, o que viria a ser a Praça Padre Ovídeo (5) ao lado da Igreja Matriz (6), o Theatro Sant’Anna (7), a Praça Bernardino Bahia (8) e, por fim, o local de construção do primeiro estádio da cidade (9).

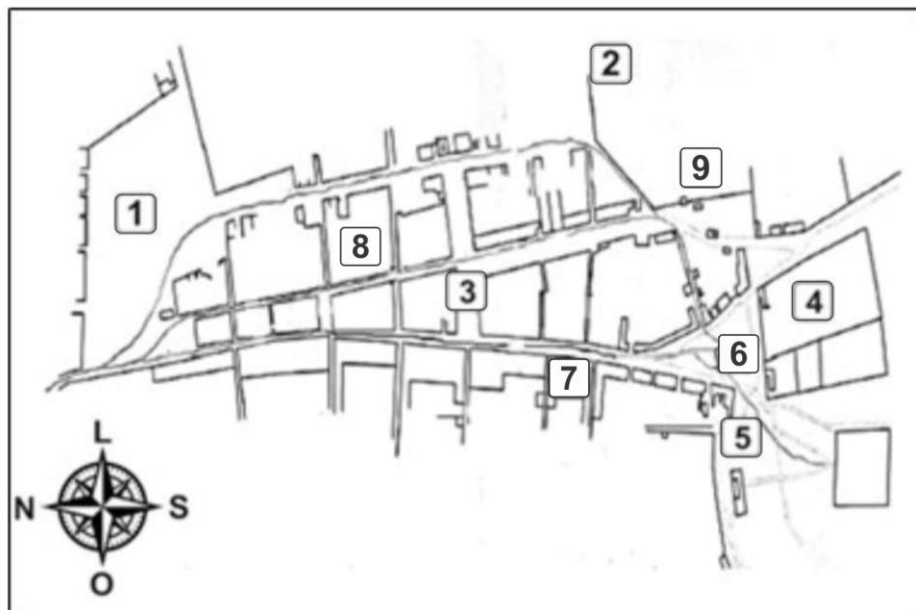


Figura 02 – Planta da cidade de Feira de Santana em 1878.

Fonte: Freitas (2014, p. 235, adaptado).

No dia da peleja, o Campo do Gado “graciosamente embandeirado” aproveitando, quem sabe, o suporte das frondosas gameleiras existentes (Figuras 3 e 4). “É allí que, às segundas-feiras, tem lugar o famoso commercio de gado vaccum, cavallar e lanígero [sic].”, nas palavras do

escritor, poeta e oficial do Exército, Anníbal Amorim (1917, p. 37-8)¹⁰. Sua extensão, aponta o viajante, lembrava o Campo de São Cristóvão - importante largo na cidade do Rio de Janeiro. Outro viajante, o tenente-coronel Durval Vieira de Aguiar¹¹ (1979), na penúltima década do século XIX, afirmou que o Campo do Gado era maior do que o Campo Grande, uma notável praça de Salvador. O imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Teresa Cristina, em 07 novembro de 1859, percorreram “a feira, que n'esse dia teve lugar” (SOUZA, 1861, p. 151). Dessa relevante feira, em fevereiro de 1897, partiram para Guerra de Canudos “100 cavalos, destinados à condução” da 3ª Expedição (O PROPULSOR, n. 19, p. 01, 20 fev. 1897). No ano subsequente, uma crônica de viagem de Mucio Teixeira, reconhecido jornalista, poeta e diplomata sul-rio-grandense, descreve vaqueiros, após a “faina diurna, no pouso, ao clarão das fogueiras”, repinicando violas, improvisando quadrilhas, “cantam ao desafio” e trocam “olhares” com mulheres negras que sambavam nesse local (O PROPULSOR, n. 101, p. 01, 19 set. 1898). Além de semanalmente ser lugar de negociação de animais, festejos em fim de lida e *grounds* para as disputas futebolísticas, foi território de outros divertimentos, tais como, corridas de cavalos, circos e touradas (NUNES, 2021b).

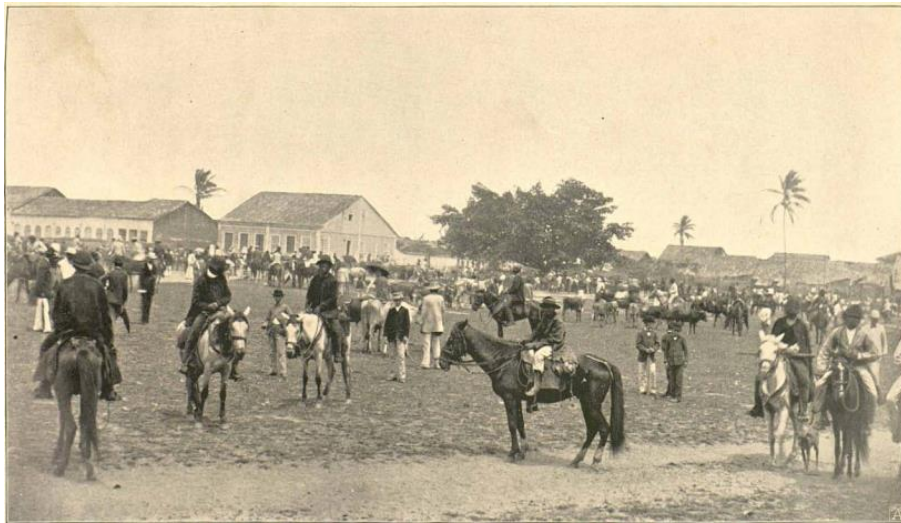


Figura 3: Campo do Gado, aproximadamente 1890.

Fonte: Lamberg (1896, n.p.).

¹⁰ Annibal Amorim, chegou ao posto de General. Viveu em Feira de Santana, “a cidade onde passara os primeiros anos” da sua adolescência (AMORIM, 1917, p. 37). Ele nasceu na cidade vizinha de Coração de Maria, Bahia.

¹¹ Em 1882, Durval Aguiar foi designado pelo governo provincial para inspecionar os destacamentos policiais baianos. Ele percorreu “de extremo a extremo” as paragens do sertão e, posterior a essa experiência, produziu um livro condensando informações valiosas sobre as localidades visitadas, conforme Euclides da Cunha (2000).

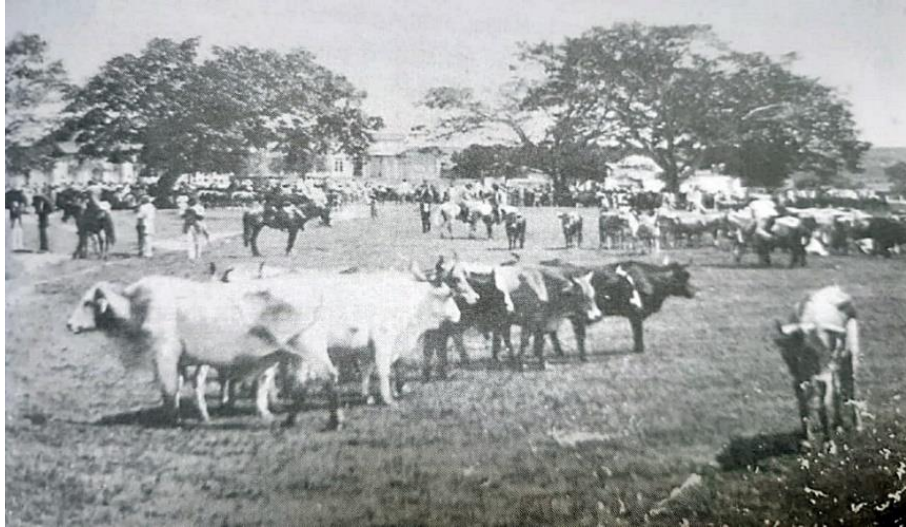


Figura 4: Campo do Gado, final da década de 1920.

Fonte: Oliveira (2016, p. 107).

O evento esportivo contou ainda com a animação do “mavioso grupo musical Amantes do Progresso” (O PROGRESSO, 15 jul.1906, p. 1), reforçando a ideia de que existia um intercâmbio entre as diferentes atividades culturais que, de diversas formas, completavam-se. Durante toda a função “reinou a melhor ordem, tendo sido assistida por diversas famílias e pessoas gradas” (O PROGRESSO, 15 jul.1906, p. 1). A pesquisadora Aline Aguiar Santos (2012, p. 86) afirma que na coluna “Notas *Sportivas*” do periódico “Folha do Norte, em outra passagem em janeiro de 1919, noticiava-se dois times acompanhados de música se dirigindo à Pensão Universal - local para boas noites de sono e, igualmente, para sociabilidades, visto seu restaurante e bilhar.

No final do período estudado e décadas subsequentes, era habitual a presença das filarmônicas estabelecendo parcerias com os times de futebol em Feira de Santana: elas realçavam “o jogo e animavam a torcida, antes de começar a partida, na hora do intervalo e ao final da partida” (SANTOS, A., 2012, p. 86). Bandas musicais eram uma constante em outras localidades nesses primeiros momentos futebolísticos (DIAS, 2013; SANTOS, 2014; AMARAL, 2020) e de uma maneira geral por distintas atividades esportivas e outras formas de lazer, tanto em capitais, quanto em cidades do interior brasileiro (SILVA, 2007; SANTOS, A., 2012; GÓIS JUNIOR, 2013).

Contudo, somente após um ano da anunciada partida de *football* estudantil de 08 de julho de 1906, a imprensa feirense revelava uma sequência de fundações de associações esportivas. Em 7 de julho de 1907, afirma-se que foi “recentemente fundado” o “*Club Santos Dumont*” (O PROGRESSO, 7 jul. 1907. p. 1, n. 386), provavelmente, a primeira associação futebolística de Feira de Santana. Outro comunicado indicava que, na noite de 9 de julho, foi “solenemente instalado nesta cidade um *Club* de diversão, do jogo *foot-ball* que tem por nome “*Feirense Foot Ball Club*” (O PROGRESSO, 14 jul. 1907. p. 1). É pertinente pontuar que, ao

menos desde 19 de julho, o *Sport Club Football Ipiranga* já existia, pois nessa data requeria, junto à Intendência Municipal, um espaço “do terreno do campo General Câmara” para “realizar as suas funções” (O PROGRESSO, 11 ago.1907, p. 03). Por fim, naquele ano, no dia 11 de agosto era “fundado, nesta cidade mais um *club de football*” tendo “diretoria e corpo de amadores” composto de “moços artistas do nosso meio”, o *Apollo Foot-Ball Club*, tinha por objetivo “o desenvolvimento de nossa educação física” (O PROGRESSO, p. 02, 18 ago. 1907).

Vive-se em Feira de Santana, nitidamente, o quarto momento de estruturação do Campo Esportivo¹², proposto por Melo (2010), sobre a prática de esportes coletivos, destacadamente o futebol. Tempo da “*Footballmania*”, no Rio de Janeiro (PEREIRA, 2000); porém, a realidade vivida em Salvador era mais latente às pessoas das regiões do Recôncavo e Feira de Santana, pois em 1907, os jogos do campeonato de futebol realizados em Salvador, promovido pela *Liga Bahiana de Sports Terrestres*, passaram a ter mando de campo no antigo hipódromo do Rio Vermelho (ROCHA JUNIOR; ESPÍRITO SANTO, 2011) – local fechado que permitia uma maior organização dos certames, inclusive com cobranças de ingressos (SANTOS, 2014).

Ainda em agosto de 1907, na seção do *O Progresso* que informava sobre requerimentos feitos à Intendência Municipal, destacam-se pedidos de agremiações como a *Feirense Foot-ball Club*, o *Sport Club Santos Dumont* e o *Sport Club Football Ipiranga*. As três solicitavam “licença para o jogo de foot-ball no Campo General Câmara” e que lhes fosse “concedida uma área no terreno” para que pudessem estruturar seus *grounds*. Com a responsabilidade que lhe cabia, Tito Rui Barcelar, Intendente Municipal, aprovou as solicitações (O PROGRESSO, 11 ago.1907, p. 03).

Noticia-se a “1ª partida” de futebol entre o *Feirense Foot-ball Club* e *Sport Club Santos Dumont* realizado no Campo General Câmara no dia 04 de agosto de 1907. O *ground* pertencente ao Feirense estava “bem enfeitado”. Às 4 horas da tarde, horário de início da disputa, “grande” era o quantitativo de presentes “notando-se inúmeras senhoras e senhoritas”, além de uma orquestra que embalou o jogo. O time mandante da partida conseguiu, por uma vez, “vazar o goal do seu contendor”, vencendo a partida. Ao término da disputa, “seguiram os 2 clubs em animada passeiata pelas ruas da cidade” (O PROGRESSO, 11 ago. 1907, p. 1). A dinâmica de partidas aos domingos, final de tarde, acompanhadas por bandas e muita musicalidade, além de passeata pela urbe ao término dos jogos e recepções em sedes de clubes ou salões dos hotéis eram a tônica nas festas esportivas. A “2ª partida” entre as duas equipes, em 11 de agosto, realizada no campo do Santos Dumont (também no largo General Câmara), acabou empatada em 0 x 0. Na nota,

¹² Modelo heurístico de desenvolvimento e estruturação do Campo Esportivo. O autor aponta outros quatro momentos, trabalhando com o entendimento que essa estruturação “seguiu um conjunto aproximado de transformações, de forma não linear, não excludente e sempre dialogando com as peculiaridades locais” (MELO, 2010, p. 335).

o articulista, parabeniza “a todos que trabalham pelo progresso sportivo entre nós” (O PROGRESSO, 18 ago. 1907, p. 1).

Percebe-se o interesse e envolvimento de parcela da população com o esporte bretão. O *Feirense Foot-Ball Club* solicitou ao público, nos “dias de suas festas”, o “obsequio [sic] de não aproximar-se muito” do campo nos momentos das partidas, “afim de evitar embaraços” como havia ocorrido no domingo anterior (O PROGRESSO, 11 ago. 1907, p. 1). Uma outra nota subscrita com o pseudônimo, por si revelador de intenções, “FOOT-BALL”, acaba por trazer algumas facetas dos esportes que estavam a olhos vistos. Nela, afirmava-se que “é difícil encontrar hoje cidade ou vila que não tenha clubes esportivos marítimos ou terrestres”, denotando uma valorização da esfera clubística¹³, exatamente na direção do que ocorria na urbe feirense com a criação das associações futebolísticas, e insinuando que a presença feminina nessas “festas” era “a razão mais poderosa de seu desenvolvimento”. Há supostamente um exagero da nota, contudo, certamente as sociabilidades inerentes aos momentos de divertimento, o ver e ser visto, a ampliação dos espectadores com presença de mulheres, em certa medida, contribuía para o sucesso dessa nova modalidade esportiva na cidade. Comenta-se, ainda, do apoio dado aos esportistas da capital baiana por fábricas de cigarro que forneciam “tudo como Canoas para os Marítimos, Musica, o Foot-ball, Criket, etc., etc.” Afirma-se que, “já que temos Sport e fumamos cigarros [...], estes deveriam acompanhar cupons promocionais¹⁴ para os nossos clubes, se não nos tem utilidade Canoas, procuremos outro brinde que possamos fazer uso” (O PROGRESSO, 25 ago. 1907, p. 3).

Na cidade de Feira de Santana, desde 1907, foi possível observar os clubes de futebol aos poucos ocupando lugares de destaque nos jornais e em eventos sociais (O PROGRESSO, 15 set. 1907, p. 1). Naquele ano, em uma temporada de companhia circense em visita à cidade, aconteceu um espetáculo “dedicado aos aplaudidos Clubs Santos Dumont, Feirense, Apollo e Ypiranga”, com o Theatro Sant’Anna “caprichosamente” decorado “com cortinas, bandeiras e sobretudo, as cores dos Clubs” e “grande profusão de luzes que davam um aspecto encantador” (O PROGRESSO, 22 set. 1907, p. 1). A apresentação foi em benefício dos artistas circenses, porém era comum parte dos lucros ser dividida com as entidades parceiras, no caso, as agremiações futebolísticas. Um período de organização de associações na cidade, poderíamos dizer, intenso. Percebe-se, pelas notícias, a atmosfera que estava sendo gestada na sociedade feirense com a criação de clubes esportivos¹⁵. Não seria a “febre esportiva” vivida em outras partes do país,

¹³ Conferir alguns aspectos acerca do modelo clubístico de associação do futebol em Amaral e Couto (2017).

¹⁴ Um recurso empregado em outras regiões do país como estratégia para mobilizar parte dos moradores da cidade (MOREL; COTES, 2009).

¹⁵ Além dos grupos teatrais, grêmios literários e outros dançantes, como “Club Recreio Juvenil”, de vida curta (O PROGRESSO, 08 jul. 1906, p. 1): associação criada provavelmente em julho e dissolvida em setembro, cedendo lugar a outra denominada “Club das Perolas” (O PROGRESSO, 16 set. 1906, p. 1).

contudo, já constitui certamente um “aumento de temperatura” naquela paragem. Algumas novidades ainda estavam por vir.

À noite do dia 17 de outubro de 1907, na sala das sessões do *Feirense Foot Ball Club*, reuniram-se os conselhos diretores do *Sport Club Ypiranga*, *Apollo Foot Ball Club* e *Feirense Foot Ball Club* para organizarem a *Liga Feirense dos Sports Terrestres*, elegendo diretoria para a gestão 1907-1908 e com posse agendada para 8 horas da noite do dia 20 do corrente. Seu propósito seria “organizar todos os gêneros de sports, muito concorrendo para harmonizar o nosso meio esportivo e também para o progresso desta terra” (O PROGRESSO, 20 out. 1907, p. 02). Não houve a participação, na referida reunião, do *Sport Club Santos Dumont*. Porém, indícios apontam que esse clube foi membro da Liga, haja vista participar de competição organizada por essa entidade, como veremos na sequência. As primeiras entidades a congregarem times de futebol no Brasil foram a Liga Paulista de Futebol-1901, a Liga Bahiana de Sports Terrestres-1904 e a Liga Metropolitana de Football do Rio de Janeiro - 1905 (RIBEIRO; NUNES, 2022), ou seja, Feira de Santana comporia este rol de lugares que tiveram a oportunidade de conhecer as práticas futebolísticas e uma entidade promotora da modalidade ainda na primeira década do século XX.

A posse aconteceu no “vasto salão do prédio n. 1 a rua Barão de Cotegipe”¹⁶ (O PROGRESSO, 27 out. 1907, p. 01), “contíguo ao sobrado da câmara” (O PROGRESSO, out. 1907, p. 02). A primeira diretoria teve a seguinte constituição: Presidente – Francisco Carneiro da Silva; Vice-presidente – João Regis Martins; 1º Secretário – Gonçalo Alves Boaventura; 2º Secretário – Manoel D. do Araujo; Tesoureiro – Arlindo Deociano Pitombo; e Procurador – Ismael Bastos (*Idem*). Alguns dias depois, um ofício da recém fundada liga é divulgado na imprensa:

[...] ilustre redação de *O Progresso* – Temos a honra de convidar-vos para assistir no próximo domingo 3 de novembro, a partida inicial do primeiro campeonato da *Liga Feirense dos Sports Terrestres* que terá lugar na praça General Pedra, na área do *Feirense Foot-Ball Club*.

Tomarão parte no jogo os clubs Ypiranga e Feirense (O PROGRESSO, 3 nov. 1907, p. 1).

Com a “Liga Feirense dos *Sports Terrestres*”, é possível perceber a organização de um calendário esportivo (Quadro 01) com jogos de futebol acontecendo com certa periodicidade até o final do ano de 1907, no que as fontes indicam ser o “primeiro campeonato” da Liga. Esse tipo de frequência de atividades contribuía “para que o lazer adquirisse um caráter rotineiro, devido a sua regularidade” (SANTOS, 2014, p. 81).

¹⁶ Atual, Avenida Senhor dos Passos.

Quadro 01- Calendário Esportivo da Liga (1907)

Data dos Jogos	Times e Resultados
03 de novembro de 1907	Feirense 1 X 0 Ypiranga
01 de dezembro de 1907	Feirense 0 X 0 Apollo
15 de dezembro de 1907	Apollo 0 X 0 Ypiranga
22 de dezembro de 1907	Santos Dumont 0 X 0 Apollo

Fonte: O PROGRESSO (10 nov. 1907, p. 01; 8 dez. 1907, p. 01; 22 dez. 1907, p. 1; 31 dez. 1907, p. 1).

Conforme decisão da Liga, a partida entre *Apollo e Ypiranga*, no “antigo” hipódromo, o *ground* do *Apollo*, seria em benefício do Asylo de Lourdes (O PROGRESSO, 24 nov. 1907, p. 1). Menções sobre valores cobrados em jogos não eram comuns, provavelmente por serem espaços abertos, sem bilheteria e arquibancadas. A exceção ficou para esse espaço que comportou o Prado Feirense. Talvez por ser um jogo beneficente pode ter havido algum tipo de organização por doações ou até mesmo do fluxo de pessoas que permitisse um controle de arrecadação de valores.

No ano de 1908, ocorre uma significativa mudança na ordem política local, já que existia uma disputa entre dois grupos para assumir a intendência¹⁷: o primeiro, capitaneado por Abdon Alves de Abreu apoiado pelo governador José Marcelino, pelo então candidato a governador Araújo Pinho e pelo político José Joaquim Seabra (J.J. Seabra) e o outro, apoiado por Tito Ruy Bacelar (CUNHA, 2013). Na disputa eleitoral, Bernardino da Silva Bahia¹⁸ (candidato desse último grupo), obteve vantagem, vencendo a eleição. Inconformado com a decisão, Abdon e seu grupo tomam a gestão municipal com o uso da força, ficando no poder de janeiro de 1908 até outubro de 1912 (SILVA, 2000; OLIVEIRA, 2000). “Caos administrativo é pois a gestão de Abdon”, retratava o *Folha do Norte*, como nos conta Aldo Silva (2000, p. 172). Nesse momento, com frequência, a ausência de iluminação pública, asseio dos logradouros e matadouro, escassez de arborização eram lembradas (CUNHA, 2013). Isso possivelmente gerou reflexos nas vivências esportivas da cidade.

Como já sinalizado, em 1907, o intendente de Feira de Santana Tito Rui Barcelar apoiou o desenvolvimento dos clubes esportivos da cidade a partir das cessões de áreas do Campo General Câmara aos times do Feirense, Santos Dumont e Ypiranga, juntamente com os alvarás de licença para realização dos jogos. Provavelmente, essas ações do executivo exerceram algum impacto político na comunidade esportiva local. O fato é que, em 1908, não localizamos nos jornais a continuidade do primeiro campeonato da Liga Feirense dos *Sports Terrestres*. Os nomes de alguns clubes até aparecem em reduzidas notas sociais, mas

¹⁷ Como se referia ao poder executivo na época, que a partir da Segunda República é denominada de prefeitura.

¹⁸ Bernardino só assumiria a intendência em outubro de 1912 seguindo até os últimos dias de 1915, fazendo seu sucessor, Agostinho Frões da Motta (1916-1919), e retornaria para uma segunda gestão (1920-1923), conferir Poppino (1968).

nada relacionado às partidas de futebol. Numa matéria, destaca-se que o concerto do violinista José de Sabbatini fora dedicado “à distinta Classe Acadêmica e aos Sports Clubs Terrestres”¹⁹ (O PROGRESSO, 8 jan 1908, p. 2); noutra, convidam-se “todos os sócios” do *Feirense Foot-Ball Club* para uma Assembleia Geral (O PROGRESSO, 1 mar. 1908, p. 2).

Depois desse movimento ocorrido em meados de 1907, apenas em 1913 é destacada na imprensa local a fundação de uma nova agremiação, o “*Sport Cavendish Foot-Ball Club*”. Louvava-se “a iniciativa desses jovens e fazendo votos para que frutifique o seu exemplo criando entre nós o gosto pelos exercícios físicos” (FOLHA DO NORTE, 13 de set. 1913, p. 1). O futebol voltaria a ganhar maior evidência nos jornais da cidade anos depois.

É perceptível um ambiente de euforia criado naqueles primeiros anos de 1920. Dizia uma crônica local²⁰, em janeiro de 1922, que a “época é da bola”, homens “jogam” e meninos “se divertem com sua bolinha de borracha, a molecada sapateia, arrancando unhas e levantando poeira, bolas de meia, limões e mesmo pedra. [...] ninguém resiste à invasão do pontapé.”, referenciada pelo historiador Clóvis Ramaiana Moraes Oliveira (2016, p. 68). Esse último autor disserta sobre “Vagabundos ou atletas?”²¹, e mostra os tratamentos diferenciados que eram dados à garotada que jogava nas ruas da cidade e aos *sportmens*: a imprensa feirense protagonizou “uma verdadeira cruzada contra os jogos de futebol” que aconteciam pelas ruas. Como os garotos costumeiramente jogavam nas proximidades do Campo do Gado, as “vidraças quebradas” representavam as “alegações” mais recorrentes (SANTOS, A., 2012, p. 87-88).

Parte desses sentimentos vividos convergem com o contexto mais amplo de valorização do esporte bretão, por meio da competição de seleções estaduais no Torneio do Centenário da Independência do Brasil e Jogos Sul-Americanos²², ambos realizados em 1922, e da construção do Campo da Graça em Salvador, alavancando o esporte na capital baiana, que agora teria seu primeiro estádio de futebol em 1920 – a “principal praça esportiva da Bahia” até 1951 (SANTOS, H., 2012, p. 2). Efetivamente, o esporte soteropolitano somente adquiriu mais significado em termos de uma prática formalizada a partir do decênio de 1920, creem Leite, Rocha Junior e Santos (2010). Uma atmosfera de “modernização urbana” estava sendo forjada em Salvador, com mudanças significativas estruturais: construção de imponentes prédios, a exemplo do que sedia

¹⁹ Em certa medida, o espetáculo era dedicado ao mesmo grupo: alguns nomes de *sportmens* sabidamente eram estudantes de medicina e direito.

²⁰ Coluna “Estrelas Cadentes” de autoria de Juventino Pitombo (FOLHA DO NORTE, 22 jan. 1922, p. 1). Esse autor, como já citado, participou da diretoria da Liga de Esportes. Algumas outras crônicas nessa seção divulgam o futebol jogado na cidade naquele período.

²¹ Tópico de um dos capítulos do livro.

²² Para saber mais, ver Santos (2011).

o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia- IGHB²³ (cf. SILVA, 2012; SANTANA *et al.*, 2022); construção de praças públicas nos lugares dos largos de terra batida; abertura de grandes avenidas; alargamentos de pequenas vielas; entre outros melhoramentos (LEITE, 1996). Símbolos de uma sociedade progressista. O estádio esportivo foi um destes marcos.

Outro evento que ocorreu em Salvador pode ter tido influência na “febre” de futebol que tomou conta das populações de outras urbes no estado. Trata-se do primeiro Torneio Intermunicipal Baiano de Futebol (SANTOS, 2020), ocorrido no Campo da Graça, em 11 de dezembro de 1921, um domingo, realizado para angariar fundos em benefício da construção da sede do IGHB, que consistia em uma das instituições organizadoras (cf. SANTANA *et al.*, 2022). Estavam “convidadas as seleções de Santo Amaro, Castro Alves, Cachoeira, São Gonçalo dos Campos, Feira de Santana, Itabuna, Ilhéus, São Felix, Bomfim, Juazeiro, Muritiba e Itaparica, enfim de praticamente todas as regiões do estado” (SANTOS, 2020, p. 165)²⁴. Dizia outro trecho da crônica referenciada há pouco: “Até o Instituto, casa de veneração e de respeito, deixou de lado a sua severidade barbuda para aconselhar a tolice” (OLIVEIRA, 2016, p. 68). No sentido mais brando da palavra, aconselhava-se a vivência do não-sério, a prática do divertimento futebolístico.

Logicamente, parte dessa euforia, é fruto dos arranjos locais. A cidade de Feira de Santana, igualmente e a sua maneira, vivia um “surto” de melhoramentos urbanos nas décadas de 1910 e 1920, com abertura de avenidas (as atuais Senhor dos Passos²⁵ e Getúlio Vargas), erguimento do novel Paço Municipal, arborização de logradouros, requalificação de algumas praças públicas com elevação de coretos, edificação de um mercado (atual Mercado de Arte Popular), construção de estradas de rodagem e pontes, entre outras intervenções. Parte significativa dessas obras foram realizadas nas gestões de Abdon Alves de Abreu, Bernardino Bahia e Agostinho Fróes da Motta à frente da intendência.

Especificamente no esporte, equipes da cidade aparecem nos jornais ganhando uma certa recorrência na coluna “Notas sportivas”: *Sport Club Guarany*²⁶, *União dos Artistas*, *Aliança Foot-Ball Club*, *Florianópolis Foot-Ball Club*, *Cruz Vermelha Foot-Ball Club* e time dos *Atiradores do Tiro de Guerra 310*. Uma quantidade de notas traz que as disputas eram “no local do costume” (FOLHA DO NORTE, 13 mar. 1920,

²³ Com a finalização das obras em 1923, marcando o Centenário da Independência da Bahia. A construção da sede do IGHB mobilizou parte da população baiana e agentes em diversos estados da federação, envolvendo instituições públicas e a sociedade civil; e a maior parte dos recursos arrecadados partiu desta última (SILVA, 2012).

²⁴ Ausentaram-se os “times de Juazeiro e Senhor do Bonfim” (cf. SANTANA *et al.*, 2022, p. 9).

²⁵ Desde o final do século XIX existiam as ruas Barão de Cotegipe e Senhor dos Passos. No início do século XX, ao sul, foi aberta a rua Araújo Pinho. Todas elas como seguimentos de uma mesma reta foram requalificadas e transformadas em um único logradouro, Avenida Senhor dos Passos (OLIVEIRA, 2016).

²⁶ Outra nota, traz o nome *Guarany Foot-ball Club* (FOLHA DO NORTE, 26 jun. 1920, p. 1).

p. 1; FOLHA DO NORTE, 17 jul. 1920, p. 1; FOLHA DO NORTE, 24 de jul. 1920, p. 1). Portanto, continuavam os jogos sendo mandados nos *grounds* existentes no Campo General Câmara (FOLHA DO NORTE, 4 jun. 1919, p. 1; FOLHA DO NORTE, 17 jul. 1920, p. 1), a mesma área dos primeiros prélios em 1906 e 1907.

O elemento que aparece diferente dos tempos passados é o automóvel, ele, como em outras cidades, servia de camarote, um símbolo de distinção. Assim era descrita uma das tardes futebolísticas: “clara e transparente como uma cupola [*sic*] de vidro”. E caindo do céu “uma viração fresca”, ou seja, um vento refrescante e suave. Segue a descrição:

No Campo do Gado, as casemiras, os brins e os chapéus de palha se confundiam com o colorido das roupas leves, das senhoras, com o negro retinto dos automoveis. Afogada nesta floresta de corpos que se torciam para aqui e para acolá, a orquestra, que gemia nos seus instrumentos de prata. Há o encontro de <foot-ball> dos meninos²⁷.

Dentro da arena, onde os largos quadrados de cal branquejavam, aqueles pirralhos lépidos e vivos feito cabritos, baralhavam-se como cartas, interessando os espectadores (FOLHA DO NORTE, 13 maio 1922, p. 1).

Começam a ser noticiadas disputas intermunicipais e outros intercâmbios, como o que levou dois jogadores locais tomarem “parte num grande *macth* de pebola” em Salvador (FOLHA DO NORTE, 18 nov. 1922, p. 2). Em janeiro de 1920, o combinado do Democrata, time da cidade vizinha de Cachoeira, vem à Feira de Santana enfrentar o “sympatisado” Cruz Vermelha (FOLHA DO NORTE, 7 fev. 1920, p. 3). Em abril de 1921, a festa esportiva foi entre o Santanopolis (time feirense) e o Comercial (time santamarense). Os “valorosos playus [players] do pébola” estiveram na urbe de Santo Amaro²⁸ disputando “um renhido *math* com os seus destemidos colegas do sport” (FLOR, 24 abr. 1921, p. 4). Em maio ocorreu “o jogo da volta”, desta vez o time santamarense do Comercial veio reforçado com “pebolistas dos melhores quadros da nossa capital” almejavam “deforrarem a derrota” da primeira peleja (FLOR, 29 maio 1921, p. 2).

Os “moços santamarenses [...] em excelente desporto marítimo, fluvial e terrestre, vêm disputar uma partida de pebola” em Feira de Santana (FOLHA DO NORTE, 21 maio 1921, p. 01). Ou seja, o articulista relaciona a uma prática esportiva, o esforço empreendido no deslocamento por barco pelo Rio Subaé (saindo de Santo Amaro), depois pela Bahia de Todos os Santos e seguidamente pelo Rio Paraguassú

²⁷ Jogavam dois times infantis, Associação Desportiva S. Salvador Infantil” e Botafogo (FOLHA DO NORTE, 13 maio 1922, p. 4). Espetáculo “inédito nos annaes da vida sportiva do foot-ball – nesta cidade” (FOLHA DO NORTE, 06 maio 1922, p. 1).

²⁸ Santo Amaro vivia a decadência do Ciclo da Cana-de-Açúcar. Na época, ainda era uma das cidades mais populosas baianas, conforme o Recenseamento Geral do Brasil realizado em 1920, o segundo maior município em termos populacionais, “84.930 habitantes” (BRASIL, 1926, p. 51).

(chegando em Cachoeira) com posterior percurso por meio do trem até Feira²⁹. A persistência “esportiva” foi maior, pois “o vapor que conduzia os passeantes, aos sons da harmoniosa filarmônica Lyra dos Artistas” encalhou, desvencilhando-se apenas à tarde, retornando a Santo Amaro e prosseguindo posteriormente a viagem, porém sem a banda musical, realizando o jogo apenas no dia seguinte, uma segunda-feira (FOLHA DO NORTE, 28 maio 1921, p. 01).

O espraiamento do futebol para cidades, vilas, distritos e povoados rurais, entre outras razões, “teve como fator imperioso os circuitos futebolísticos constituídos por meio de encontros intermunicipais”, aonde comitivas esportivas majoritariamente compostas por pessoas abastardas das localidades, cumpriam “o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política” entre seus associados e municípios envolvidos, conforme o historiador Daniel Venâncio de Oliveira Amaral (2020, p. 140).

Outros clubes foram sendo fundados ou reorganizados: o “Sul América-Pê-Bola”, em 23 de abril de 1921 (FLOR, 8 maio 1921, p. 3); em setembro de 1921 anuncia-se a reestruturação do *Cruz-Vermelha Football Club*, assim como seu “antigo rival o Floriano”. Esses dois times formaram um combinado que disputou uma partida contra o recém-criado Sul América. A manchete dizia: “*Resurgirá o Sport entre nós*” (FLOR, 4 set. 1921, p. 2, grifo do autor). Em uma única nota, anunciavam-se duas novas equipes: “*Associação Desportiva S. Salvador Infantil*” e “*Victoria Foot ball Club*” (FOLHA DO NORTE, 20 maio 1922, p. 4).

A partir do terceiro decênio do século XX, outros times de futebol de Feira de Santana ganham visibilidade na imprensa, tanto na sede do município como em alguns distritos.

Ao que parece, a partir do terceiro decênio do século XX, existiu uma ampliação de times de futebol em Feira de Santana e uma maior visibilidade na imprensa, tanto na sede do município como em alguns distritos. O recenseamento de 1920, aponta a existência de 10 distritos: Feira de Santana (distrito-sede), Bom Despacho, São Vicente, Bonfim, Gameleira (Ipuaçu), Humildes, São José das Itapororocas, Santa Bárbara, Tanquinho e Almas³⁰ (BRASIL, 1926). Sobre a prática futebolística nos distritos, em abril de 1923, a agremiação *Sport Club*

²⁹ Até a década de 20 do século passado, a viagem entre Santo Amaro e Feira de Santana requeria enfrentar longa e cansativa viagem sobre lombo de burros e cavalos ou contornar boa parte do Recôncavo Baiano em navegação de cabotagem, percursos por rios importantes da região e adicionalmente aproximadamente 45 Km de ferrovia. Atualmente, por rodovias, a distância entre as duas cidades é cerca de 54 Km.

³⁰ Estes três últimos foram emancipados. Tanquinho em 1958, Santa Bárbara em 1962 e Almas em 1962, ganhando o nome Anguera (OLIVEIRA, 2016, p. 179 e 181). Na atualidade, Feira de Santana é composta por 8 (oito) distritos: Governador João Durval Carneiro (Ipuaçu); Bonfim de Feira; Maria Quitéria (São José das Itapororocas); Humildes; Tiquaruçu (São Vicente); Jaíba; Jaguará (Bom Despacho); e Matinha. Fonte: Site Oficial da Prefeitura de Feira de Santana. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?id=2&link=segov/regioesadm.asp>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Tanquinhense (Figura 5), sediado em Tanquinho, visita Santa Bárbara, disputando uma partida de *foot-ball* com o *Progresso Foot-Ball Club* (FOLHA DO NORTE, 1 abr. 1939, p. 01 e 04)³¹.

Mesmo com toda esta dinâmica futebolística, não figurava no Anuário Estatístico do Estado da Bahia de 1924, entre “associações arroladas”, qualquer agremiação esportiva do município feirense (BAHIA, 1926, p. 186). Constavam somente três associações musicais e uma beneficente em Feira de Santana. Existiram subnotificações nesse documento³², pois alguns municípios não informaram ou apresentaram dados genéricos ou incompletos, como foi o caso das associações musicais feirenses, não constando os nomes. Apenas para ficar no exemplo de uma cidade do interior de porte aproximado ao de Feira de Santana. Ilhéus, neste mesmo censo, apresentou três agremiações esportivas, a saber: Victoria, Flamengo e Palestra (BAHIA, 1926, p. 189). Apesar dos jornais ilheenses trazerem informações de um número maior de clubes em suas páginas (*cf.* NORTE *et al.* 2022). Dias e Cotes (2022) nos informa que cerca de 18 cidades que tinham ocorrência do esporte bretão não aparecem neste recenseamento, incluindo Feira de Santana.



Figura 5: Sport Club Tanquinhense³³

³¹ Coluna “Vida Feirense”, tendo como editor, Arnold Ferreira da Silva, intendente entre 1924-1927 e prefeito no final dos anos de 1950. A coluna trazia efemérides sobre a história da urbe (POPPINO, 1968).

³² Conforme consta, 58 municípios não alimentaram informações sobre aspectos ligados às associações.

³³ Em outra imagem, apresentando o verso da fotografia, está escrito à caneta: “S.C [riscado] Tanquinhense FCT” informava que era o primeiro time de futebol “organizado em Tanquinho por Moyses Brandão em 1925”. Jogadores: De pé: Lipinho, Paulino, Deca

Fonte: Acervo privado de Luiz Cleber Moraes Freire.

Outro elemento importante foi a participação da seleção feirense (Figura 6) no “primeiro Torneio Intermunicipal” de futebol da Bahia (SANTOS, 2020, p. 165), evento já mencionado. Nesse torneio, alcançou-se uma vitória importante, pois Feira, considerada “um dos mais treinados e, talvez, o mais forte conjunto [do torneio]” (REVISTA RENASCENÇA, 31 dez. 1921, p. s/p), venceu Ilhéus na final: o jogo terminou empatado; mas, pelo regulamento da competição, vencia a equipe que tivesse mais escanteios (cf. SANTANA, *et al.*, 2022). Jonga, “o nosso admirável ponta-esquerda, com maestria, obrigou um zagueiro de Ilhéus produzir um *corner*” (FLOR, 18 dez. 1921, p. 3, grifo do autor). A imprensa local destaca o evento: “Da capital, chegaram aqui em o regular [trem] das 9 horas, na segunda feira, a nossa embaixada com nossos denodados campeões, que tão brilhantemente souberam pelear” objetivando sobrepujar nove adversários, “cada qual mais ansioso [*sic*] pelo honroso título de campeão” (FLOR, 18 dez. 1921, p. 2). O cronista ainda afirma que “é indizível o regozijo que sentimos deante deste memorável feito dos nossos valorosos pebolistas, os quaes teem sempre sabido pugnar pela honra sportiva da nossa Feira de Sant’Anna” (FLOR, 18 dez. 1921, p. 2). Poppino (1968, p. 289) assevera: “O entusiasmo do povo atingiu ao auge, em 1921, quando o combinado municipal ganhou o campeonato do Estado [*sic*].”



Figura 6 – “O quadro feirense, vencedor do grande torneio inter-municipal”³⁴

Fonte: Revista Renascença (31 dez. 1921, s/p).

Brandão, Zequinha e Sola; De joelho: Josinho de Fulô, Bidô e João Socó; Assentados: manteiga (Aharo Ribeiro), Alexandre To (Goleiro) e Surunga.

³⁴ Constava como legenda da imagem. O time feirense era composto pelo técnico: Gastão Guimarães e pelos seguintes jogadores: Jonga, Luizinho, Zéca, Diogenes, Dudú, 69, Dôta, Jove, Sinhô, Arthur e Arlindo (cf. FLOR, 18 dez. 1921, p. 3).

Àquela altura, as diferentes máquinas a vapor – trens e barcos –, além de trazerem as companhias itinerantes de divertimento, transportavam equipes aos jogos em terras feirenses, ao passo que conduziam os times Feira de Santana às pelepas em circuitos futebolísticos, envolvendo amistosos com quadros de cidades vizinhas ou transladavam os *players* para Salvador em inédito torneio intermunicipal, abarcando diversas regiões baianas.

Contudo muitas dessas equipes parecem ter tido vida curta, pois no início de 1922, consoante o periódico Folha do Norte:

[...] está esse jogo entre nós, quase adormecido, sem gosto, reduzido a um só club [...]. Fundemos, portanto, sociedades para esse fim, e criemos uma Liga a que se filiem todas, como em outros tantos logares já se vem fazendo. Ao lado as divergências pessoasas, e unidos por um só ideal, levantemos o sport na Feira, acenando-lhe um futuro promissor, com o desenvolvimento physico da sua mocidade (FOLHA DO NORTE, 15 abr. 1922, p. 2).

Os jornais panfletavam com a intenção de impulsionar uma nova dinâmica esportiva. Aceitando ao chamado de criação de times, em 04 de maio de 1922, o *São Christovam Foot-ball Club* é fundado. Trazia como seu presidente o bacharel em Direito, “Dr. Elpidio Nova” (FOLHA DO NORTE, 06 maio 1922, p. 1), mais tarde, intendente e prefeito municipal. Na semana posterior, anúncios de venda de “CAMISAS DE FOOT-BALL” de “várias cores” no comércio local (FOLHA DO NORTE, 13 maio 1922, p. 4).

Todo este preâmbulo culmina com a criação de uma nova “Liga” esportiva e a inauguração de um necessário equipamento desportivo cidadão, em sintonia com os tempos de progresso: um *Stadium!*

Outras ligas estavam sendo criadas no período em outras localidades: os clubes dos municípios de Cachoeira e São Félix fundaram a “Liga Intermunicipal de Desportos Terrestres”, em 1921 (SANTOS, 2020), a Liga de Juazeiro, em 1923 (CALDAS; ABRAHÃO, 2020) e a “Liga Ilheense de Desportos Terrestres” existente pelo menos desde 1921³⁵ (SANTANA *et al.*, 2022, p. 15). Em 1919, o futebol se reorganizava com a “Liga Bahiana de Desportos Terrestres” em Salvador, exatamente no mesmo período de construção do Campo da Graça. Um periódico da capital pondera que “para que ressurgja aqui o foot-ball, como ele deve ser praticado é mister um campo decente³⁶, que absolutamente nos falta” (SANTOS, 2014, p. 213).

Algo similar estava ocorrendo em Feira de Santana: criaram uma nova liga antes da inauguração do estádio feirense. Entidade esportiva

³⁵ Não possuímos o ano de fundação, a informação disponível é a partir da fonte: LIGA ilheense de desportos terrestres. Correio de Ilhéos, p. 1, 30 nov. 1921.

³⁶ A nota fala da necessidade de se requalificar o *Ground* do Rio Vermelho; mas, pela ausência de campo para as disputas, a construção de novo estádio passou a ser uma realidade em potencial.

provavelmente em sintonia com os “Estatutos da Liga Bahiana”, denominada, assim como a anterior, “*Liga Feirense dos Sports Terrestres*” (FOLHA DO NORTE, 2[7] de maio 1922, p. 4). Ao que tudo indica, não eram simples coincidências, se constituíam como ações articuladas. Visavam estabelecer/cumprir uma organização/regulamentação e, por outro lado, valorizar o empreendimento esportivo que estava sendo forjado. Afinal, sem *stadium*, times e campeonatos como gerar lucros? Reuniram-se na sede do time Rio Branco, no dia 22 de junho de 1922, “os representantes da Associação Feirense, S. Chistovam F. C., e do Rio Branco F. C., para tratarem da organização da Liga que dirigirá os desportos entre nós”, contribuindo para a organização do futebol local. Na reunião, foi aclamada a diretoria, composta pelo presidente, o professor, médico e esportista, Gastão Clovis de Souza Guimarães³⁷; vice-presidente, Manoel Diniz Facchinette; secretário, Juventino Pitombo; e tesoureiro, Alvaro Moura Carneiro. A posse estava agendada para 27 de junho, às 21 horas na sede do Rio Branco (FOLHA DO NORTE, 24 jun. 1922, p. 4).

Presumia-se uma definitiva organização dos times depois da “abertura da praça de Sports da Sapucaia”, motivada pela adversidade de um treinamento “produtivo no campo actual” [Campo do Gado] devido as invasões de campo e porque responsáveis de certas equipes desejavam jogar com “quinze, vinte jogadores de cada lado” (FOLHA DO NORTE, 2[7] de maio 1922, p. 4), ou seja, totalmente fora da regulamentação do esporte. Ainda no final de 1921, jogos já são registrados no Campo da Sapucaia (FLOR, 18 dez. 1921, p. 5), usado, ainda, sem as estruturas esportivas que seriam construídas.

Sobre o estádio, os periódicos noticiavam que “se prepara nesta cidade um campo, nas mais rigorosa exigências da technica, para o cultivar do foot-ball. [...] empresa em que se empregam não pequenos capitães” (FOLHA DO NORTE, 15 abr. 1922, p. 2). Pelos relatos, era um estádio (Figura 7) “de primeira categoria, todo murado, com bilheteria e portões de entrada e saída, e uma grande arquibancada de madeira em bom acabamento” (LAJEDINHO, 2004, p. 42), construída na extremidade oeste, objetivando proteger o público dos raios solares frontais, em virtude de os jogos, costumeiramente, transcorrerem depois do meio da tarde. O campo esportivo foi denominado Leolino Ramos, nome do seu proprietário.

³⁷ Lecionou e dirigiu a Escola Normal, ensinou no Ginásio Santanópolis, foi membro e presidente do Grêmio Litero-Dramático Rio Branco e atuou na Sociedade Filarmônica Victoria (SANTOS, A., 2012).

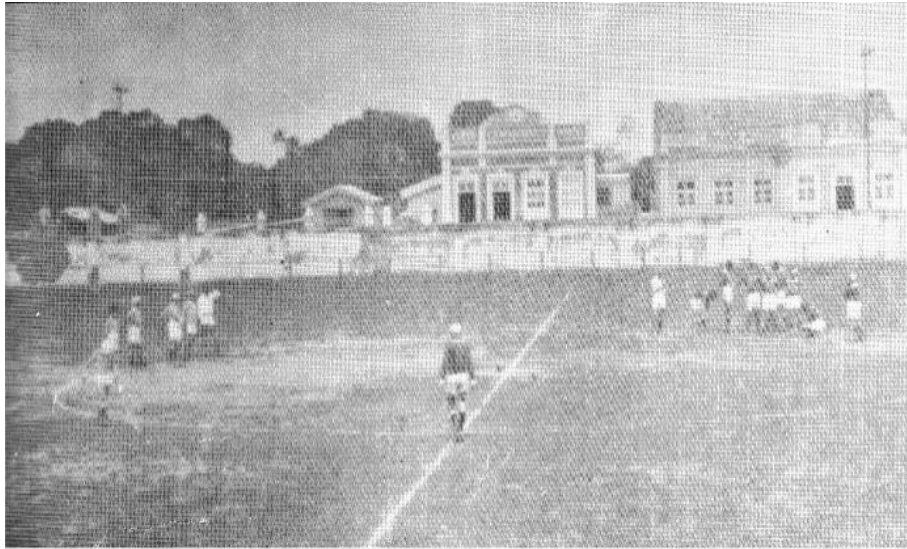


Figura 7 – Estádio Leolino Ramos.

Fonte: Gama (1994, p. 211).

Deve-se destacar a atuação de Leolino Ramos junto ao *Jockey Club Feirense*, ainda no findar do século XIX, na posição de secretário da agremiação (O MUNICÍPIO, 02 jun. 1892, p. 03). Naquele momento, Leolino Ramos era pecuarista e um dos maiores comerciantes da praça, como sócio proprietário da Casa Ramos³⁸ (Figura 8), cuja especialidade era “o comercio de Fazendas, Miudezas, Drogas, Ferragens e Molhados” (O PROPULSOR, 22 maio 1897, p. 01). A Casa Ramos anunciava ser o primeiro estabelecimento “do interior do Estado, ocupando três grandes prédios” (BOAVENTURA, 2006, p. 79). Com o passar dos anos, ficou ainda maior, como se pode constatar pela imagem.

Leolino exercia uma posição política de destaque na presidência do Conselho Municipal³⁹ na primeira metade da década de 20 do século passado (FOLHA DO NORTE, 16 jan. 1943, p. 04). Desde o empreendimento do hipódromo feirense, certamente sabia as potencialidades de ganhos econômicos com os esportes. Em um primeiro instante foram as corridas de cavalo; depois, passou a “investir algumas de suas fichas” no futebol. Na crônica “Viagens”, descrevendo idas e vindas entre Feira e a Capital Baiana, Eurico Alves Boaventura (poeta, cronista e ensaísta), comenta que “Seu Leolino” (entre outros homens de negócio) saltava do trem na estação “já calculando o lucro da semana” (BOAVENTURA, 2006, p. 72). Naquele tempo, o Campo da Graça era um empreendimento privado de sucesso em Salvador, e, a bilheteria dos jogos era socializada entre a Sociedade Desportiva Bahiana (construtora e proprietária da praça esportiva), a Liga Bahiana de Desportos Terrestres e os times participantes das disputas (OLIVEIRA; MARTA, 2018).

³⁸ Esta primeira sociedade foi com o irmão Silvino Ramos, posteriormente, com o filho do próprio Leolino, Arlindo Ramos.

³⁹ Denominação do poder legislativo local encontrada, nas fontes, no período.



Figura 8 – Cartaz de propaganda da Firma Ramos

Fonte: Revista Bahia Ilustrada (1918, p. 11).

O Estádio Leolindo Ramos estava situado no centro da cidade (Figura 9), e:

Ocupava todo o último quarteirão da Rua Manoel Vitorino [hoje Marechal Deodoro]. No norte limitava com o muro da residência de Tertuliano Almeida (hoje Solar Santana⁴⁰) formando ali o “Beco do Amor”. Ao sul com o “Beco do Asilo” [hoje Av. Mons. Mario Pessoa]. Ao leste com a Av. Senhor dos Passos e a oeste com a Rua Mal. Deodoro (LAJEDINHO, 2004, p. 42-43).

Na figura 9, em data bem posterior ao período pesquisado, em primeiro plano na parte inferior esquerda (destaque em vermelho), o quarteirão do campo de esportes e, ao lado, a Av. Senhor dos Passos com canteiro central arborizado. Como é possível observar, há lotes com grandes casas construídas e uma fração do que um dia se configurou o primeiro estádio feirense. Em 1936, o prefeito Heráclito Dias de Carvalho (1935 – 1937/1938 – 1943) “não encontrou oposição, quando decretou que a área [do estádio] fosse dividida em lotes e vendida para a construção de casas de residência” (POPPINO, 1968, p. 289). Encetar ações ligadas ao patrimônio esportivo⁴¹ – incluída a memória de patrimônios não preservados – contribui para olhar o passado, percebendo-o de forma múltipla, com mais nuances e agentes envolvidos,

⁴⁰ Esta antiga edificação não mais existe. Atualmente, está erguido um edificio-garagem possuidor de lojas comerciais.

⁴¹ Para saber mais, ler Santos e Lott (2020).

conforme Melo, Fonseca e Peres (2017). Investigar estabelecimentos esportivos pouco conhecidos atualmente pode permitir reflexões sobre os movimentos de urbanização e os processos seletivos de memória (MELO; CHEVITARESE, 2020) ⁴².

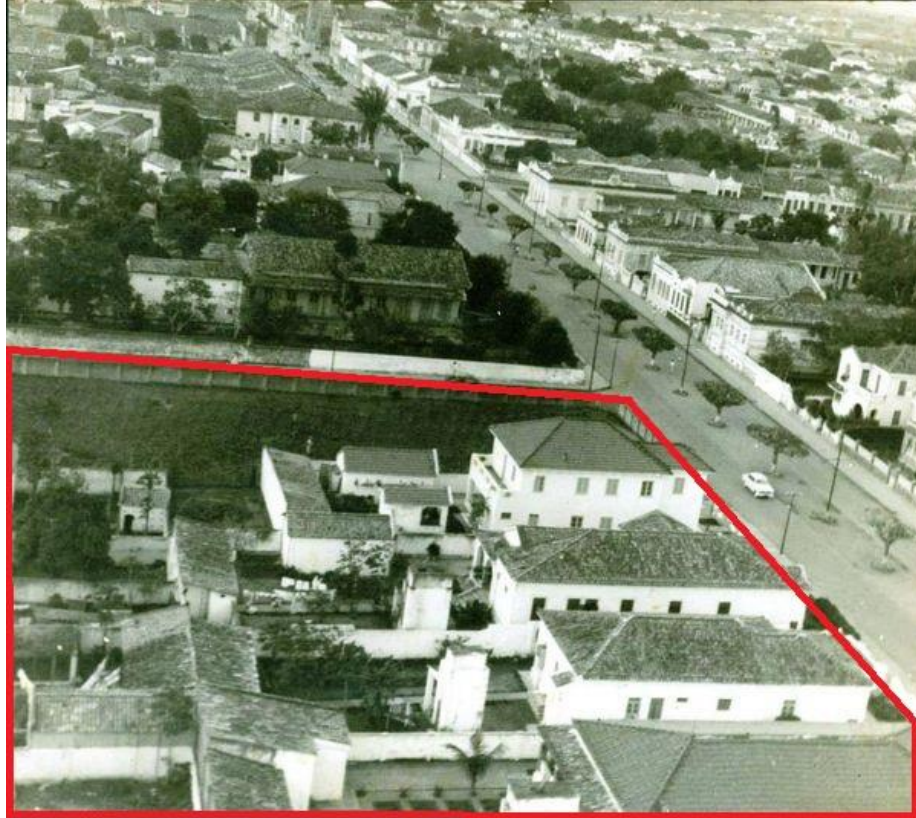


Figura 9 – Quarteirão em que se localizava o Estádio

Fonte: MEMÓRIAS DE FEIRA DE SANTANA (Grupo do *Facebook*). Disponível em: www.facebook.com/groups/362453737286631/posts/795136750684992

Quanto à inauguração do estádio, fazia sentido estrear o palco de esportes com a presença de alguma associação filiada à Liga Bahiana, garantido ao local o *status* de futebol adiantado, se não em sua técnica, pelo menos na organização. O Major Leolino Ramos “convidou o S.C. Victoria da capital para disputar um match amistoso” (FOLHA DO NORTE, 5 ago. 1922, p. 1). Por questões burocráticas, não foi permitida a participação da agremiação convidada, sendo possível, no entanto, a formação de um combinado de jogadores de Salvador. A “Delegação bahiana” alcançou Feira de Santana em trem especial fretado pela agremiação Democrata de Cachoeira, sendo acolhida na gare da estação em ambiente festivo, com presença de banda musical, “por grande número de sportmens, famílias e pessoas gradas”, tendo “fidalga recepção” com almoço servido na residência do proprietário do campo (FOLHA DO NORTE, 5 ago. 1922, p. 1). Muito provavelmente, naquela época, o selecionado convidado deslocou-se até o Recôncavo em barco a

⁴² Ver os autores, para demais informações sobre a “Arqueologia do Esporte”.

vapor, uma vez que o itinerário saindo da capital baiana com destino à heroica⁴³ cidade de Cachoeira, exigia esse modal de transporte.

No dia 30 de julho de 1922, domingo, às “quatro horas, foi iniciada a grande peleja”. No prélio com os “locais”, os visitantes saíram-se vencedores por 3X1 (FOLHA DO NORTE, n. 642, 5 ago. 1922, p. 1). Talvez tenham ocorrido coincidências nas temporalidades do evento com o Torneio do Centenário da Independência do Brasil, já referido. Porém, é plausível pensar que a solenidade de inauguração tenha sido programada para ocorrer no período do torneio de âmbito nacional, agendado de longa data. Por uma feliz casualidade, exatamente naquele mesmo dia, a seleção baiana enfrentava a carioca (Rio de Janeiro-Distrito Federal) em jogo antecipado (SANTOS, 2014).

Não obstante a derrota do time feirense, existia um clima de “êxtase”, porque estava em pauta a construção do *Stadium*, acontecimento que “inscrevia a pequena cidade interiorana no rol dos centros adiantados” (OLIVEIRA, 2016, p. 71). Aquela seria uma partida inaugural festiva, e não foi possível identificar qualquer comentário sobre valores de entradas. Contudo, em breve se veria os frutos desse negócio; afinal, estava agendado um jogo entre os times do *Rio Branco* e *S. Club Vitória* (provavelmente a equipe de Salvador que não pôde jogar na inauguração), custando: “Arquibancada 2\$000, sombra 1\$000, geral 500.” (FOLHA DO NORTE, 5 ago. 1922, p. 1). Parafraseando o historiador Clóvis Oliveira (2016, p. 196), quando analisava a inauguração do Cassino Irajá na década de 40 do século XX, o “lúdico, antes praticado em festas de trabalho, realizado como componente vinculado às temporalidades cotidianas, tinha, [...] um território exclusivo e uma hora certa”. Virara uma mercadoria!

Sobre os ecos da inauguração do Estádio, Clóvis Oliveira é taxativo ao afirmar que existiriam duas perspectivas: a primeira seria um projeto “para educar a população segundo os preceitos da civilização”; e, de outro modo, a “fala progressista que tecia loas ao futebol não estava presa a aspectos imediatos; antes dialogava com o futuro”, na tentativa de abstrair as aprendizagens “que o esporte civilizado trazia para o pequeno território às margens do Jacuípe” (OLIVEIRA, 2016, p. 71-72). Acredita-se que as duas perspectivas estavam interligadas: educar as pessoas pelas/para práticas de lazer é pensar nas complexidades “imediatas”, e, ao mesmo tempo, é construção de futuro, educando as sensibilidades das pessoas, seus gostos, e instruindo comportamentos (MELO, 2020). A cidade, especificamente no esporte, havia começado esse movimento desde o prado feirense, com as experiências turfísticas. Existe, neste processo, uma educação dos espectadores para a narrativa dos espetáculos esportivos. A ampliação de espaços na imprensa local, com colunas esportivas, provavelmente contribuiu.

Nesse sentido, uma parcela da população vai sendo educada a se associar aos clubes. Este movimento teve início, especificamente no

⁴³ Assim chamada pelo papel de destaque na Independência da Bahia, em 1823. Compondo alguns dos últimos capítulos da Independência do Brasil.

futebol local, com as agremiações em 1907, mas que acompanha a cidade pelo menos desde 1868, quando fora constituída a associação musical 25 de Março (NEVES JUNIOR, 2018), e logo em seguida a agremiação musical Vitoria (1873) (SANTOS, A., 2012); estando presente também nos grêmios dramáticos⁴⁴ e literários ao final do século XIX e início do XX (SANTOS, A., 2012); e, ainda, na experiência associativa do Jockey Club (NUNES, 2021b). Ou seja, existiam processos mais amplos, carentes ainda de novos estudos.

Considerações Finais

O futebol foi sendo incorporado à cidade, primeiro como mais um “forasteiro”, vindo de “carona” nos barcos e trens, em 1906, em um “jogo de exibição” de jovens. Mais um divertimento estava sendo forjado na urbe. Depois, romperam os primeiros clubes e os amistosos, quando surgiu a necessidade de estarem aglutinados a uma instituição organizadora, a “Liga Feirense dos *Sports Terrestres*”. E, adicionalmente, estabelecer um calendário esportivo usando espaços improvisados aos jogos no Campo do Gado ou no antigo hipódromo. No entanto, continuavam constituindo-se festividades gratuitas.

Na sequência vieram os intercâmbios com outras paragens, sempre momentos retratados na imprensa como “festas esportivas”, longe de serem encaradas como um negócio. Foram necessários 16 anos para o futebol em Feira advir a ser explorado por um empresário local, como um produto de entretenimento. Assim, gradativamente, se transformara em mais uma mercadoria vendida na cidade, exatamente com a organização da segunda “*Liga Feirense dos Sports Terrestres*” e a construção e inauguração do Estádio Leolindo Ramos.

Outro aspecto de suma importância deve ser destacado: a relação entre política e esporte. Como restou demonstrado, Intendentes Municipais e um presidente do Conselho Municipal (emprestando nome ao estádio), com mais evidência, souberam usufruir, nesta trajetória, do poder econômico, do poder político e do prestígio dos cargos que ocupavam.

Nenhum dos clubes feirenses abordados no texto ora em tela está em funcionamento na hodiernidade, ficaram em memórias que se foram, em arquivos pessoais ou públicos ainda a serem descobertos e mobilizados (quicá perdidos definitivamente); porém, sobretudo, encontra-se nas páginas do tempo.

⁴⁴ O Grêmio Dramático Familiar, por exemplo, esteve ativo entre 1892 e 1900 (SAMPAIO, 2000).

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia: com declaração de todas as distancias intermediarias das cidades, vilas e povoações*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília, INL, 1979.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925*. 2020. 208 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. Aspectos do Clubismo na Introdução do foot-ball em Oliveira – MG (1916-1920). *Outros Tempos*, v. 14, n. 24, p. 1–16, 2017.

AMORIM, Annibal. *Viagens pelo Brasil, com oitenta gravuras: do Rio ao Acre, aspectos da Amazonia, do Rio a Matto Grosso*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1917.

BAHIA. *Anuário Estatístico da Bahia de 1924*. Vol. I Território e População. Diretoria do Serviço de Estatística do Estado, Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1926. Disponível em: <https://archive.org/details/anuario1924ba/mode/2up>. Acesso em: 25 jul. 2021.

BARBOSA, Ruy. *Obras completas de Ruy Barbosa: Campanha da Bahia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e Ministério da Cultura, vol. XLVI (1919), tomo III, 1988.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos*. Editora Vozes, 2019.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Paisagem Urbana e o Homem*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BRASIL. Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brasil* (Realizado em 1 de Setembro de 1920). Vol. IV, 4ª Parte. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1926.

CALDAS, Francisco Demetrius Luciano; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. Futebol no sertão do São Francisco. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 197-224.

CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. [S.l.]: Companhia das Letras, 2000.

CUNHA, Nayara Fernandes de Almeida. *Os coronéis e os outros: sujeitos, relações de poder e práticas sociais em Feira de Santana (1907-1927)*. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

DIÁRIO DA BAHIA, Salvador, n. 69, p. 3, 28 mar. 1889.

DIAS, Cleber. Primórdios do futebol em Goiás, 1907 - 1936. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa-PR, v. 18, n. 1, p. 31-61, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4000>. Acesso em: 20 maio 2016.

DIAS, Cleber; COTES, Marcial. 2022. Esportes, lazer e desenvolvimento econômico em Ilhéus (c. 1890-1930), *Revista Brasileira de História (ANPUH)*, v. 42, n° 91, 2022, p. 359 – 384. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472022v42n91-17>.

FLOR, Feira de Santana, n. 2, p. 4, 24 abr. 1921.

FLOR, Feira de Santana, n. 4, p. 3, 8 maio 1921.

FLOR, Feira de Santana, n. 20, p. 2, 4 set. 1921.

FLOR, Feira de Santana, n. 33, p. 2, 3 e 5, 18 dez. 1921.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 187, p. 1, 13 set. 1913.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 537, p. 1, 24 jul. 1920.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 518, p. 1, 13 mar. 1920.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 536, p. 1, 17 jul. 1920.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 580, p. 01, 21 maio 1921.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 581, p. 01, 28 maio 1921.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 626, p. 2, 15 abr. 1922.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 630, p. 4, 13 maio 1922.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 632, p. 1 e 4, 20 maio 1922.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 636, p. 4, 24 jun. 1922.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 642, p. 1, 5 ago. 1922.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 1551, p. 01 e 04, 1 abr. 1939.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, n. 1749, p. 04, 16 jan. 1943.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *O Descoroamento da Princesa do Sertão: de “chão” a território, o “vazio” no processo da valorização do espaço*. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

MEMÓRIAS DE FEIRA DE SANTANA (Grupo do *Facebook*). Disponível em:

www.facebook.com/groups/362453737286631/posts/795136750684992. Acesso em: 05 maio 2023.

GAMA, Raimundo Gonçalves (Coord.). *Memória fotográfica de Feira de Santana*. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 19, p. 95-117, 2013.

LAJEDINHO, Antônio do. *A Feira na década de 30: memórias*. Feira de Santana, 2004.

LAMBERG, Maurício. *O Brasil: ilustrado com gravuras*. Rio de Janeiro: Typographia Nunes, 1896.

LÁZARO, João Pedro Prado Mercês. *Labirintos da bola: normatização e práticas do futebol em Feira de Santana (1942-54)*. 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; SANTOS, Henrique Sena dos. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Vitor de Andrade (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. 1 ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 213-240.

LEITE, Rinaldo César. *E a Bahia Civiliza-se: ideias de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana de Salvador - 1912-1916*. 1996. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 111-153.

MELO, Victor Andrade de. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli - um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). *Revista Brasileira de História da Educação [on-line]*. 2020b, vol. 20 e 114. Epub May 15, 2020. ISSN 2238-0094. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e114>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MOREL, Marcia; COTES, Marcial. Análise e formatação do matutino esportivo Jornal dos Sports no período de 1931 a 1945. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3. *Anais [...]*. Salvador: CBCE 2009.

NEVES JUNIOR, Antonio Carlos Batista. *Sociedade Filarmônica 25 de Março: a prática do mestre de banda na reedificação de uma instituição sesquicentenária*. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

NORTE, Ramom de Souza; SANTANA, Thiago Santos de; NUNES, Fábio Santana; COTES, Marcial. Pugnas internacionais: ilheenses versus tripulantes britânicos do navio de guerra Delhi em 1930. *Recorde*, v. 15, n. 1, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/52793>. Acesso em: 25 dez. 2022.

NUNES, Fábio Santana. “A los toros!”: as touradas em Feira de Santana (1893-1905). *Revista Caminhos da História*, Montes Claros, v. 26, n. 1, p. 54-79, 2021a.

NUNES, Fábio Santana. *Pelos vapores e trens, do hipódromo ao stadium: esporte e lazer em Feira de Santana - BA (1875-1922)*. 2021. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2021b.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 335, p. 1, 08 jul. 1906.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 386, p. 1, 7 jul. 1907.

- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 387, p. 1, 14 jul. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 336, p. 1, 15 jul. 1906.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 353, p. 1, 18 nov. 1906.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 356, p. 1, 9 dez. 1906.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 391, p. 1 e 3, 11 ago. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 392, p. 1- 2, 18 ago. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 393, p. 3, 25 ago. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 396, p. 1, 15 set. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 397, p. 1, 22 set. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 401, p. 2, 20 out. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 402, p. 1, 27 out. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 403, p. 1, 3 nov. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 404, p. 01, 10 nov. 1907
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 406, p. 1, 24 nov. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 408 p. 01, 8 dez. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 410, p. 1, 22 dez. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 411, p. 1, 31 dez. 1907.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 412, p. 2, 8 jan. 1908.
- O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 419, p. 2, 1 mar. 1908.
- O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 69, p. 1, 6 fev. 1898.
- O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 142, p. 2, 2 jul. 1899.
- O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 237, p. 2, 5 maio 1901.

OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. *Canções da cidade amanhecendo: Urbanização, Memória e Silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2016.

OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. *De empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

OLIVEIRA, Lucas; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. O futebol em Salvador e seus exploradores: a história a partir dos periódicos A Manhã e A Capital (1920 – 1930). IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 2018. *Anais...* Santo Antônio de Jesus: Associação Nacional de História - Seção Bahia – ANPUH-Brasil, 2018. Disponível em: http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1537485637_ARQUIVO_OLIVEIRA-Lucas-OFutebolSalvadoreSeusExploradores.pdf Acesso em: 01 dez. 2021.

OLIVEIRA, Sandra Nivia Soares de. *Um modelar estabelecimento de ensino: o Colégio Santanópolis na cidade de Feira de Santana (1934-1959)*, 2014. 310 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

PEREIRA, Leonardo Afonso. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

POPPINO, Rollie. *Feira de Santana*. Bahia: Editora Itapuã, 1968.

REVISTA BAHIA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, n. 8, p. 11, jul.1918.

REVISTA RENASCENÇA, Salvador, n. 83, s/p, 31 dez. 1921.

RIBEIRO, Jean Carlo; NUNES, Fábio Santana. A “vida efêmera” da Associação Goyana de Esportes Athleticos – AGEA (1930 – 1934). *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-25, jan./jun. 2022.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; ESPÍRITO SANTO, Fernando Reis do. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 79-95, jul/set de 2011.

SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. *A função social do teatro em Feira de Santana (1892-1912)*. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2000.

SANTANA, Thiago Santos de; NORTE, Ramom de Souza; NUNES, Fábio Santana; SILVA, Aldo José Moraes; COTES, Marcial. O esporte em Ilhéus e a consolidação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1921). *Movimento*, [S. l.], v. 28, p. e28030, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.113797. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/113797>.
Acesso em: 12 nov. 2022.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão”* (1919-1946). 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Henrique Sena dos. *“Pugnas Renhidas”*: futebol, cultura e sociedade em Salvador (1901 – 1924). Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTOS, Henrique Sena dos. Futebol no interior da Bahia, 1920 – 1940. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da Avenida Central*: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 153-196.

SANTOS, Henrique Sena dos. No Campo da Graça: um estádio e algumas sociabilidades no futebol soteropolitano nos anos 1920. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 6, 2012, Ilhéus. *Anais [...]*. Ilhéus: ANPUH/BA, 2012. Disponível em: <http://www.viencontroanpuhba.ufba.br/modulos/submissao/upload/43114.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932). *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, v. 6, n.10, p. 27- 47, jan-jun 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/heera/article/view/26340>. Acesso em: 26 jan. 2023.

SILVA, Aldo José Moraes. *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana*: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833- 1937). 2000. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

SILVA, Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*: Origem e Estratégias de Consolidação Institucional, 1894-1930. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

SILVA, Erminia. *Circo-teatro*: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil. São Paulo: Altana, 2007.

SOUZA, Bernardo Xavier Pinto de. *Memórias da viagem de SS. Magestades Imperiaes às províncias da Bahia, Pernambuco, Parahiba, Alagoas, Sergipe e Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Typ. e Livraria de B. X. Pinto de Sousa, 1861.

SOUZA, Oséas Fernando Oliveira de. *História e Memória de São Félix: Cidade Presépio*. Cachoeira: Pontuário Atelier Editorial, 2021.